

QUIMERAS DOS CABELOS

José Moacir Fortes Saraiva¹

A pior das piores ilusões é aquela que iludimos a nós mesmos, na verdade, nossas mentes criam véus de ilusões a fim de que possamos enfrentar a dureza da realidade, isso desde que o mundo é mundo, às vezes, as criamos para nos mostrarmos outras pessoas, visto que a ilusão emerge de alguma lacuna na alma humana, sobretudo se esse humano é desbotado de convicções firmes sobre a vida. No entanto a mais nefasta de todas as quimeras é aquela que, ao invés de tornar os tolos os demais, nós nos tornamos o tolo dos tolos.

As pessoas fazem de tudo para parecerem sempre belas, charmosas, e viris, temos uma tendência a sempre mostrarmos ao mundo que a beleza, o charme e o vigor físico são perenes, são eternos, daí se buscam mil e dois artifícios para que isso se torne um axioma.

Um dos sinais que desponta em toda a cadeia dessa “beleza duradoura” são os cabelos, tanto a cor como o formato, em algumas paragens do mundo, quando o adubo deles mostra uma tibieza e eles começam a brotar sem o mesmo vigor de outrora e com uma coloração diferente, as mulheres usam de sutilezas a fim de que eles permaneçam, como dizia José de Alencar: “... negros como a asa da graúna”.

Alguns homens também enveredam nessa trilha, crendo que a mudança da coloração do capacete os deixará mais feios, mais fracos e menos viris.

Até o personagem Sansão, movido por falas ilusórias, perdeu toda a sua força, por alterar a forma de seus cabelos. Um personagem bíblico e líder israelita respeitado pela sua força extraordinária, força essa advinda de seus cabelos, pois Deus lhe concedeu essa vitalidade, mas para isso, eles jamais deveriam ser cortados. No entanto, a ilusão e a tolice de querer agradar a uma “amada”, revelou seu segredo a Dalila, por ter sido atraído, pelos encantos desta bela jovem. Esta bateu com a língua

¹ Natural da cidade de Campo Maior-Piauí, é professor aposentado do IFBA, cronista, membro da Academia Valenciana de Educação Letras e Artes (AVELA), e da Academia de Letras do Recôncavo. Autor de 4 livros de crônicas, participação em outras obras. E-mail: saraiva40@hotmail.com

nos dentes, e a portentosa cabeleira do imbatível Sansão sofreu cortes e mudanças e, o antes invencível homem, ficou vencivelzinho, vencivelzinho.

O ser humano cujas datas natalícias já avançaram, fazem modelações nas madeixas no intuito de se mostrarem mais novos, mais atraentes e isso faz um bem estrondoso ao próprio ego, decisão muito salutar para se ter uma vida saudável, mesmo se tratando de uma decisão cuja nascente seja toda ela adornada de lampejos dos mais variados matizes utópicos, além da coloração, há muitos cortes inusitados agregadores de beleza, segundo seus usuários.

Se os adultos, nesse fundamento, fogem da realidade como os românticos que buscam um outro mundo. Os jovens e até crianças estão surpreendendo e com surpresas nas quais não se encontram elementos palpáveis para justificar a transformação que copiaram daqueles cujas raízes capilares se enfraqueceram.

A meninada está a fugir da concretude da vida como os nefelibatas, visto que, à luz da racionalidade, não se veem motivos, mesmo ilusórios, que justifiquem a adoção do embranquecimento dos fios originais oriundos da cabeça, bem como os visuais novos provocados por lâminas bem afiadas e precisas.

Enquanto os idosos utilizam o empretecimento dos cabelos para se tornarem sempre joviais, portanto, mais elegantes e mais atraentes, os meninos entram na onda do nevou – pintando-os – com o objetivo de ousar e modernizar o visual, só para afrontar as cores fornecidas pela genética.

Tanto os idosos como os jovens nevam nas ribaltas do mundo ilusório, aqueles negando a natureza e estes alçando voos em um modernizamento imaginário.